



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

IGOR JOSÉ FRANÇA DE SOUSA

**DA CIDADE AO CAMPO: TRANSFORMAÇÕES NA IDENTIDADE DA
ESCOLA FREDERICO LUNDGREN, RIO TINTO/PB**

João Pessoa, junho de 2023.

IGOR JOSÉ FRANÇA DE SOUSA

Em conformidade com a Resolução N. 02/2021/CCBLG/CCEN/UFPB, apresentamos o **artigo científico**, orientado pela Prof^a. Dr Ana Carolina de Oliveira Marques, como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Licenciatura em Geografia da UFPB.

João Pessoa, junho de 2023.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725c Sousa, Igor Jose Franca de.

Da cidade ao campo : transformações na identidade da
Escola Frederico Lundgren, Rio Tinto-PB / Igor Jose
Franca de Sousa. - João Pessoa, 2023.

24 p. : il.

TCC na modalidade artigo científico.

Orientação: Ana Carolina de Oliveira Marques.

TCC (Curso de Licenciatura em Geografia) -
UFPB/CCEN.

1. Identidade escolar. 2. Educação geográfica. 3.
Geografia. I. Marques, Ana Carolina de Oliveira. II.
Título.

UFPB/CCEN

CDU 91(043.2)

ANEXO 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GEOGRAFIA

Resolução N.02/2021/CCBLG/CCEN/UFPB

PARECER DO TCC

Tendo em vista que o aluno (a)

João José Franca de Sousa

() cumpriu (não cumpriu os itens da avaliação do TCC previstos no artigo 25º da Resolução N. 02/2021/CCBLG/CCEN/UFPB) somos de parecer () favorável ()
desfavorável à aprovação do TCC intitulado:

Da cidade ao campo: transformações na identidade da Coxola Frederico Teófilo, Rio Preto/PB.

Nota final obtida: 9,5

João Pessoa, 05 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA:

Ana Carolina de Oliveira Marques
Professor Orientador

Professor Coorientador (Caso exista)

[Assinatura]
Membro Interno Obrigatório (Professor vinculado ao Curso)

Eliane Souza da Silva
Membro Interno ou Externo

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, por sempre me amparar, em cada desafio e obstáculo enfrentado neste período de formação. Encontrei pessoas verdadeiras e generosas que, de alguma forma, trouxeram contribuições para minha formação.

Ao meu pai José, minha mãe Raimunda e minha irmã Izabele, que me apoiaram a partir do primeiro momento da graduação, me deram forças para continuar, e são minha verdadeira base. Minha família, vó Josefa, meus tios e tias, primos e primas.

À minha professora e orientadora, Ana Carolina de Oliveira Marques, foi e tem sido um anjo em minha vida, veio de outro Estado, para lecionar na UFPB no curso de Geografia, agradeço de coração pela paciência, por me ensinar a produzir e pesquisar, e construir esse sonho de me tornar um professor de Geografia.

E também a todos professores que contribuíram para minha formação na academia, Daisy, Marcelo, Christiane, Antônio, Eliane, Guibson, Victor, Rafael, Bartolomeu, Thais, Daniele, Doralice, Anieres, Lenilton, Adailza (dadá), Josias e Joel.

Aos meus irmãos e irmãs que fazem parte da capela sagrada família, em nome da coordenadora Janaína e nosso Padre Glaubo, na qual hoje faço parte da Pastoral da Catequese (crisma), obrigado pelas orações.

À minha amiga Rabá Sousa, foi um anjo em minha vida. Ao professor Adailton e à direção da Escola Frederico Lundgren, que me abriram as portas.

Aos amigos que encontrei na academia e construíram esse caminho comigo. Ajudaram-me a refletir melhor sobre a realidade da educação, principalmente da educação geográfica, a partir de seus relatos de experiências: Bruna, Carol, Helena, Allan, Daniel, Josenilson, Juninho, Luciano, Fagner, Moisés, Cristiano, Lucas, Beatriz, Valéria, Rita, Emanuel, Liniky.

Aos meus amigos que dependem do transporte público para estudar na UFPB. Foi maravilhosa essa longa trajetória (chuva, sol, estresse, correria, brincadeiras, entre outros). Obrigado Laysla, Ludmila, Lilian, Luigi, Neto, Rian, Jefferson, Luciano, Jotemberg.

Toda essa vivência foi um momento enriquecedor para minha trajetória como futuro professor.

DA CIDADE AO CAMPO: TRANSFORMAÇÕES NA IDENTIDADE DA ESCOLA FREDERICO LUNDGREN, RIO TINTO/PB

Igor José França de Sousa
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O presente artigo ora apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sistematiza o resultado da investigação realizada na Escola Frederico Lundgren, localizada, na zona urbana do município de Rio Tinto - PB. Tal escola foi fundada na década de 1920, inicialmente chamada Herman Lundgren, com o objetivo de qualificação de força de trabalho para a Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT. Diante disso, o objetivo da pesquisa foi compreender as transformações na identidade escolar desta instituição ao passo das transformações no mundo do trabalho e nos sistemas de ensino. Quanto à metodologia, percorremos algumas etapas: pesquisa bibliográfica, levantamento de dados e informações históricas que nos permitiram elaborar um mapa que representa a organização espacial de Rio Tinto no contexto das primeiras décadas. Além disso, dialogamos com dois professores de geografia da Escola Frederico Lundgren, a partir de eixos temáticos. Ao final da pesquisa, concluímos que, diante da expansão do ensino integral, a escola Frederico Lundgren representa a única escola urbana regular disponível aos estudantes oriundos da classe trabalhadora da zona rural próxima, haja vista que as demais escolas regulares se encontram em territórios indígenas mais distantes. Concluímos também que a escola não tem mais esse caráter de formação de força de trabalho para a fábrica (até porque a fábrica está desativada) e desfez-se enquanto um símbolo do moderno, abrigando majoritariamente estudante do campo, ainda que não se reconheça com esta identidade: uma escola do campo na cidade.

Palavras-chave: identidade escolar, educação geográfica, educação e trabalho.

ABSTRACT

This article, a end-of-course work, results from research of the Frederico Lundgren School, located at Rua da Aurora, urban area of the municipality of Rio Tinto - PB. This school was founded in the 1920s, initially called Herman Lundgren, to qualify workforce to Rio Tinto Tissues Company – CTRT. So the objective of the research was understand the transformations in the school identity of this institution at the same time as the changes in the world of work and in the education systems. As for the methodology, we carried out some steps: bibliographic research, data collection and historical information that allowed us to make a map that represents the spatial organization of Rio Tinto in the context of the first decades. We also dialogued with two geography teachers from the Frederico Lundgren School, based on thematic axes. At the end of the research, we conclude that, in view of the expansion of integral education, the Frederico Lundgren

school represents the only regular urban school available to working-class students from the nearby rural area, since the other regular schools are in more distant indigenous territories. We also conclude that the school no longer has this feature of training workforce for the factory (even because the factory is deactivated) and it is no longer a symbol of the modern. Today it houses mostly rural students, although they do not recognize themselves with this identity: a country school in the city.

Keywords: school identity, geographic education, education and work.

INTRODUÇÃO

Conforme o processo de industrialização, as cidades “modernas” começaram a surgir, exigindo mão de obra qualificada para os novos processos produtivos. A instauração desses novos espaços exigia o funcionamento de instituições que atuassem na consolidação de uma nova cultura, a cultura urbana. Com esses dois propósitos centrais, formação de força de trabalho e disseminação de “valores e comportamentos urbanos/burgueses”, muitas escolas foram fundadas. Uma delas, no interior da Paraíba, constituiu o objeto da nossa pesquisa.

O presente trabalho é o resultado da investigação realizada na Escola Frederico Lundgren, no município de Rio Tinto - PB. Tal escola foi fundada na década de 1920, inicialmente chamada Herman Lundgren, com o objetivo de qualificação de força de trabalho para a Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT. Diante disso, a pesquisa que realizamos buscou compreender as transformações na identidade escolar desta instituição ao passo das transformações no mundo do trabalho e nos sistemas de ensino. Formos movidos pelas seguintes questões: o que as transformações da Escola dizem das transformações da sociedade? Quais as funções desempenhadas pela escola, no contexto de sua fundação e atualmente? A escola segue formando força de trabalho para cargo de pouca qualificação ou foi apropriada em prol de um projeto de educação popular? A escola sustentou, ao longo de todos esses anos, o símbolo da “modernidade” de sua fundação? Como pensar, nos dias de hoje, sua identidade escolar?

O encontro com o tema remete a uma atividade desenvolvida no 2º período do curso de Geografia no ano de 2019 (disciplina de climatologia - atividade: conhecendo a escola e o professor de geografia). Nesta oportunidade, me familiarizei com a direção, o corpo docente, ou seja, com os funcionários da escola. Além disso, o que me fez despertar interesse pela pesquisa, ir mais além, foi a partir do estágio supervisionado de ensino II

(7º período). Através da unidade temática escolhida trabalhada na regência: Produção, Tecnologia e Meio Ambiente. Dentro dessa temática trabalhei os conteúdos de *Urbanização e Industrialização e o trabalho*. Foi proposta uma investigação com o tema *Resgate de Memória: A valorização da Experiência de Vivência*. Os alunos tinham que descrever as transformações ocorridas a partir do processo de urbanização e os efeitos da industrialização no povoado de Rio Tinto. Tendo em vista que nesta região funcionava uma grande unidade fabril, a Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT.

Nos primeiros contatos com a escola, e isso se confirmou no processo de pesquisa, notei certo “apagamento” da memória da escola. Por isso, a relevância social e pedagógica deste trabalho, à medida que incita a comunidade escolar a pensar a própria identidade institucional.

No processo de pesquisa, percorremos algumas etapas: pesquisa bibliográfica, que consistiu no levantamento e leitura de livros, artigos científicos, dissertações, teses, literaturas e manuais disponíveis em rede de dados eletrônicos, a partir da visão apresentada nos estudos de alguns autores relacionado ao tema, como Dantas (2019), Moreira (1990), Santos (2014), Lima (2014), Silva S. (2020), Nascimento (2016), Oliveira (2016), Silva A. (2016), Vale (2008), Andrade (2019), Frigotto (1983), Albuquerque et al. (2021), Resende (1989) e Arroyo (2017). Levantamento também de dados e informações históricas que nos permitiu elaborar um mapa que representa a organização espacial de Rio Tinto no contexto das primeiras décadas. Além disso, dialogamos com dois professores de geografia da Escola Frederico Lundgren, a partir de eixos temáticos.

O presente trabalho, encontra-se estruturado da seguinte forma: no primeiro tópico, apresentamos informações do contexto histórico da escola, da cidade e da fábrica. No segundo tópico, abordamos o contexto atual, situando a Escola Frederico Lundgren nas redes de ensino que atendem à cidade. Antes das considerações finais, no terceiro tópico discutimos os aspectos levantados pelos professores com os quais tivemos contato, com ênfase na dimensão do conflito na formação do território de Rio Tinto e como isso rebate no ensino de Geografia.

1. A ESCOLA, A CIDADE E A FÁBRICA

De acordo com o IBGE (2017), a cidade de Rio Tinto está situada na Região Geográfica Intermediária de João Pessoa, e integra a Região Imediata Mamanguape-Rio

Tinto, correspondendo a uma área de 464,866 km². Geograficamente o município de Rio Tinto faz limite com sete cidades, ao Sul com Santa Rita (36 km) e Lucena (27,5 km), ao Norte com Mataraca (25 km), faz limite a Leste com o Oceano Atlântico e os municípios de Marcação (10 km), Baía da Traição (23 km), ao Oeste Capim (15 km), e Mamanguape (7 km). Encontra-se a 53 km de distância da capital João Pessoa. Sua principal via de acesso corresponde à PB 041 que corta o município no sentido leste/oeste.

Para compreender a função e os sentidos contemporâneos da escola Frederico Lundgren, objetivo perseguido neste trabalho, há que se retomar alguns acontecimentos históricos que informam o contexto e as intencionalidades que levaram à fundação não só da escola, mas da própria cidade. Nesta direção, a família Lundgren foi um importante agente territorial.

O sueco Herman Theodor Lundgren, primeiro membro da família Lundgren, chegou ao Brasil em 1855, mais precisamente na cidade de Paulista-PE. Suas atividades deram-se a partir do comércio de exportação, passou pela fabricação de pólvora até o ramo das indústrias têxteis, de acordo com Santos (2014).

Conforme Lima (2014), um lugar isolado da Paraíba, onde existiam fazendas e um engenho conhecido como “Engenho Preguiça”, no município de Mamanguape, chamou atenção da família Lundgren. A abundância de matérias primas, os rios navegáveis e a proximidade com o mar foram fatores que corroboram para este interesse.

Em 1917, os diligentes da família Lundgren conseguiram um acordo com o então presidente do Estado da Paraíba, Camilo de Holanda (1916-1920), concedendo a isenção fiscal de vinte e cinco anos. Começava ali a construção da fábrica em Rio Tinto (SANTOS, 2014).

Segundo Silva, S. (2020, p. 74)

As instalações da fábrica de tecidos ocorreram às margens do rio Mamanguape, limite sul do atual território indígena. Em 1918, iniciaram a drenagem e canalização das águas de uma lagoa ali existente, derrubaram a mata e abriram os primeiros caminhos. Os Lundgren adquiriram, em 1918, a propriedade de Curral de Fora e posteriormente a do Patrício. O desenvolvimento econômico continuou e, em 1919, fundaram o porto de Jaraguá e a Companhia de Navegação Costeira para intensificar o intercâmbio comercial com as cidades vizinhas.

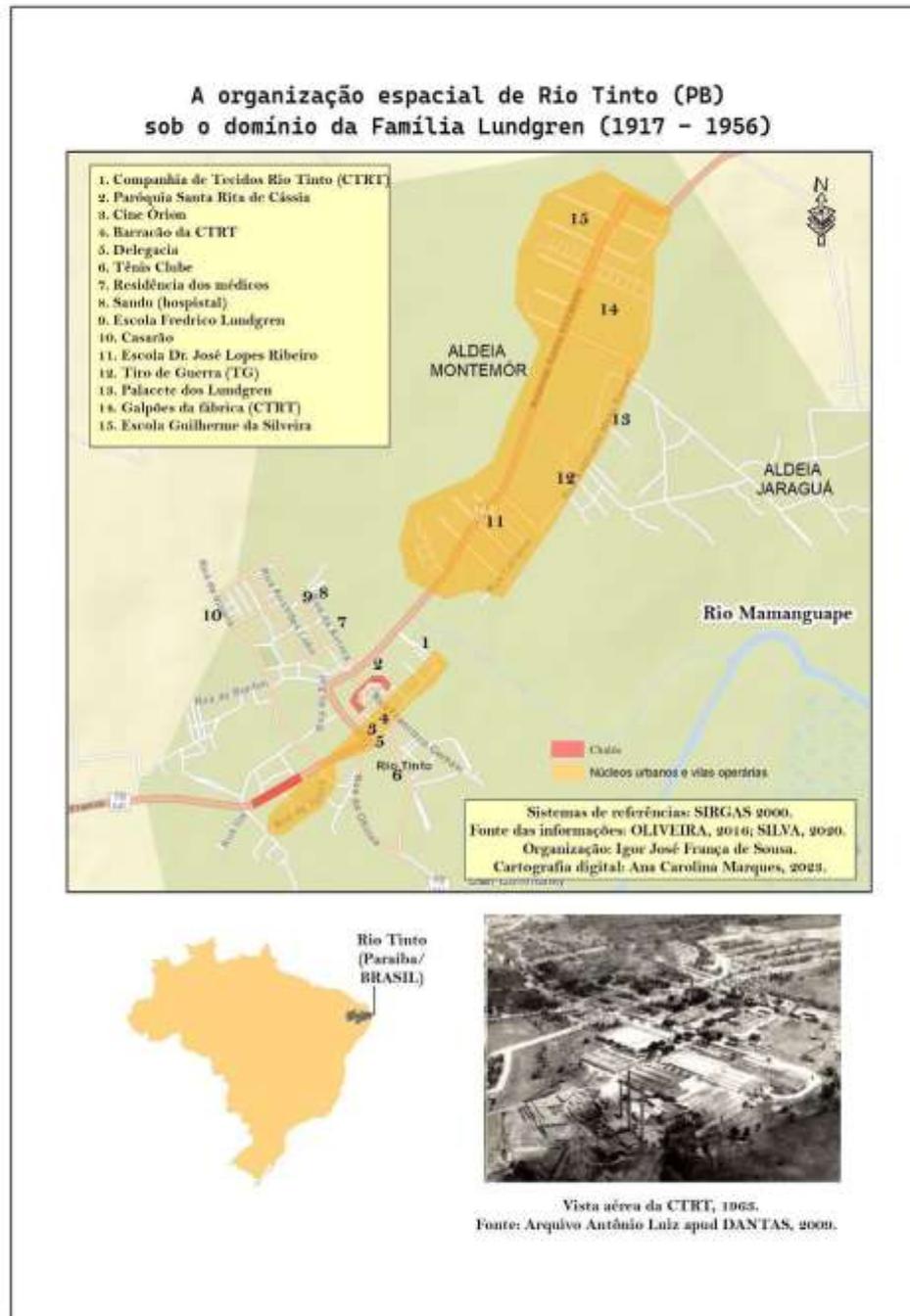
Segundo Silva S. (2020), a família Lundgren ficou responsável pelos serviços básicos, por exemplo os serviços de saúde (construção de hospitais), educação (escolas), segurança, moradia, infra estruturas, lazer. A companhia de Tecidos Rio Tinto – CTRT

sua construção foi concretizada em 1924 e inaugurada em 27 de dezembro do mesmo ano.

Afirma Moreira E. (1990) que o atual território do Estado da Paraíba era ocupado, antes da invasão europeia, de modo irregular e disperso, por uma população constituída de Índios pertencentes aos grupos linguísticos dos Tupis e dos Cariris. O grupo linguístico Tupi pertencia às nações Tabajara que ocupavam as terras do litoral sul e os Potiguaras situado ao litoral norte, encontrava-se no povoado que hoje é Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Desta forma, a chegada da família Lundgren e a instalação da fábrica sobrepôs-se às terras indígenas, gerando vários conflitos.

O mapa permite uma visualização da forma de organização do espaço de Rio Tinto nas primeiras décadas de sua fundação com todos os equipamentos urbanos, núcleos de moradia, palacetes etc.

Figura 1 – Mapa de Rio Tinto – PB (1917-1956)



A partir do mapa, podemos perceber duas regiões: a região central e a uma região (conhecida como Vila Regina) na parte mais alta da cidade (sobreposta aos territórios indígenas Montemór e Jaraguá).

Na região central, concentram-se os equipamentos urbanos. Temos a Igreja Santa Rita de Cássia (matriz), construída em 1923 e posteriormente ampliada em 1945. Próximo dela encontramos os Chalés, destinados para diretores e chefe dos setores da

antiga fábrica. Algumas casas de operários na Rua da Tijuca e Rua da Mangueira. O Antigo Barracão (armazém) e o Cine Orion, considerado o maior cinema da América Latina. Na época, servia como diversão dos operários. Além deste, o Tênis Clube (1920) e a Delegacia (1924). Ainda na região central, havia o posto de saúde na rua Aurora, fundado em 1923 e ampliado na década de 40, tornando-se o Hospital de Rio Tinto (hoje, no prédio funciona o INSS). Na mesma rua havia também a residência dos médicos e a primeira escola da região: o Grupo Escolar Herman Lundgren. (DANTAS, 2009).

Construído em 1923 e ampliado posteriormente, o grupo escolar passou a ser chamado Grupo Presidente João Pessoa. Com a emancipação de Rio Tinto, em 1956, mais uma vez renomeada, a escola passa a se chamar Grupo Escolar Frederico Lundgren.

Já na região conhecida como Vila Regina, observamos a concentração das casas destinadas à classe operária. Havia ali também duas escolas, os galpões da fábrica, o palacete (a mansão dos Lundgren) e o Tiro de Guerra.

Todos esses equipamentos urbanos seguiam um padrão arquitetônico europeu com “tijolos maciços avermelhados”, conformando uma paisagem peculiar:

Figura 2 – Antiga Residência dos Médicos



Fonte: Dantas 2009

Figura 3 – Palacete dos Lundgren



Fonte: Dantas 2009

Figura 4 – Igreja Santa Rita de Cássia (matriz)



Fonte: Dantas 2009

Moreira R. (2014 *apud* NASCIMENTO JR, 2016 p. 248)

[...]A ascendência da fábrica sobre a organização e a vida da cidade deu-se tanto pelo papel provedor de serviços básicos por ela realizada (com a oferta de moradia, infraestruturas de abastecimento e saneamento básico, juntamente com a construção de hospitais e escolas para os seus trabalhadores) - típico das cidades fundadas para servir a uma dada empresa e/ou produção – como pelo papel dinamizador da vida econômica local e regional realizado pela companhia.

Entende-se que Rio Tinto se constituiu num símbolo da sociedade urbano-industrial emergente no Brasil na década de 1920.

Segundo Lima (2014), compreende-se que neste período inicial de consolidação do funcionamento da fábrica, a educação era prioridade. Um dos empreendedores, conhecido como Coronel Arthur Frederico Lundgren, contratou José Lopes Ribeiro, engenheiro que pertencia ao Ministério da Agricultura, para assumir a função de educador. Seu principal desafio era alfabetizar e formar os primeiros intelectuais da cidade-fábrica, construída entre a Mata Atlântica e os manguezais.

Conforme Lima (2014), o coronel Frederico Lundgren, providenciou de início a instalação de três escolas, sendo estas distribuídas geograficamente e estrategicamente com objetivo de atender às necessidades da sociedade vigente naquela época. Em princípio, foram construídas escolas no centro da cidade, seguidas das instituições situadas nos terrenos mais elevados da região conhecida como Vila Regina.

Nos meados do século XX, mais precisamente em 1962, a fábrica foi beneficiada pela SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Norte e Nordeste). Tal modernização influenciou para o programa de reequipamento da indústria têxtil, na compra de equipamentos modernos e de alto valor. (OLIVEIRA, 2016). Entretanto, não foi suficiente para garantir a sobrevivência da indústria têxtil na região num contexto de expansão da cana de açúcar.

Conforme Silva S. (2020, p. 74):

Com o desenvolvimento industrial, social e político do território de Rio Tinto, o resultado foi o desmembramento de Mamanguape, sendo elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 1.622 em 1956. O apogeu da Companhia de Tecidos de Rio Tinto ocorreu no início dos anos 1960, a partir do aumento das exportações para a Europa e para os Estados Unidos. Nessa época, Rio Tinto figurava como uma das maiores arrecadações tributárias do interior do Nordeste. No entanto, no final da década de 1960, a Companhia de Tecidos apresentou declínio em sua produção decorrentes da crise econômica. Com o advento do programa federal Proálcool na década de 1970, e a crise econômica da companhia têxtil, os Lundgrens venderam, paulatinamente, parte de suas terras para os interessados na monocultura da cana-de-açúcar.

Foram múltiplos os fatores - internos e externos - que levaram ao encerramento das atividades da CTRT em Rio Tinto. Apesar de anos de intensa circulação da moeda com a chegada dos Bancos do Brasil, Bradesco e Paraiban, com o desenvolvimento industrial ocorrido no sul do Brasil, a fábrica não suportou a concorrência. Outro motivo foi o deslocamento de parte do investimento da fábrica de Rio Tinto para a unidade em Paulista-PE. Conseqüentemente, uma profunda crise econômica se instalou na fábrica de Rio Tinto. Além de tudo isso, o desentendimento familiar acerca da administração da CTRT, precisamente na década de 80, contribuiu para o encerramento das atividades. (OLIVEIRA, 2016).

1.1 A dimensão do conflito: capital - terra/território, capital-trabalho

De acordo com Andrade (2019), importante ressaltar que a partir do processo de construção da Fábrica Rio Tinto, foi criado um impasse com os nativos. Este povoado sofreu consequências desastrosas de alterações no seu modo de vida como na paisagem local. Atingiu de modo geral os aspectos sociais e culturais no momento em que a família Lundgren se apossou dos aldeamentos indígenas.

Desta forma, terras indígenas foram invadidas, ocorrendo o processo de devastação, extrativismo vegetal, ou seja, corroborou para o corte da mata atlântica com objetivo de construção da fábrica e obtenção de madeira para os fornos.

A partir do momento que a Família Lundgren se apropriam das terras indígenas potiguaras, começam construir e cobrar taxas para a população que morava naquele território. Apesar dos inúmeros conflitos, somente em 2008 essas terras foram demarcadas, e atualmente aguardam a homologação do seu território.

Outra dimensão dos conflitos gerados pela apropriação do território pelos Lundgren (e que boa parte se perdeu no imaginário social) se dá no campo capital-trabalho, especialmente na condição de exploração dos operários. Questões salariais, de cobrança de aluguel por parte dos Lundgren, repressão política a operários sindicalistas, controle da vida privada, coronelismo figuravam entre esses conflitos inerentes à luta de classe.

De fato, o trabalho em uma sociedade capitalista dominante, apresenta alguns padrões em destaque, primeiro a acumulação de capital e segundo a exploração de força de trabalho. Segundo Frigotto (1983, p. 40)

Compreende-se que a questão que está em jogo [no modo de produção capitalista] não é a valorização do trabalho e do trabalhador, mas a preservação e a formação de uma força de trabalho adaptada aos interesses da produção.

Com a instalação da Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT, o trabalho é visto como padronizado, denso e rígido, apresenta setores distribuídos de acordo com a natureza do trabalho, ou seja, ordenando assim uma distinção entre as habilidades e as características do trabalhador operário. Sendo assim, diante do que foi supracitado durante este estudo, as relações do trabalho na fábrica eram controladas visando cada vez mais o aumento da produtividade e a diminuição dos custos da produção, um verdadeiro processo de exploração da força de trabalho.

Para atender às demandas dos processos produtivos sob a égide industrial, haveria que se investir na formação de um perfil de trabalhador. Surge então a necessidade de uma educação formatada (tecnicista) para o mercado de trabalho. Alguns princípios dessa educação são discutidos por Frigotto (1983, p. 42):

[...]As relações de trabalho, aprendizagem, a forma de organização interna, os valores que se passam, as atitudes e hábitos que se reforçam, as imagens de trabalhador bem sucedido e fracassado, a figura de padrão, os traços enfim, de responsabilidade, assiduidade, pontualidade, etc. indicam que o ponto nodal é o de formar “bons trabalhadores”, isto é, trabalhadores fabricados para submeter-se mais facilmente às relações sociais de trabalho estabelecidas. Homens fabricados para aceitarem a desqualificação dada pela crescente divisão internacional do trabalho. Ao próprio cabe a tarefa de se autopromover pelo seu esforço e pela sua capacidade de produção, havendo para ele uma trajetória de postos a galgar.

A partir dos anos de 1930, 1946 e 1951, as movimentações operárias começam aparecer, e surge o primeiro sindicato em 1932. A partir dessas organizações políticas, a classe trabalhadora reivindicava melhorias salariais, redução da carga horária, melhores condições de vida, educação etc. (SILVA A., 2016).

Então essa união dos trabalhadores foi fundamental e importante para a busca da coletividade, com intuito de uma nova corporação sem exploração, alienação e diferenças, em divergência com a estrutura social vigente, onde o ser humano era mercadoria, capaz de gerar e reproduzir a mais valia para os grandes detentores do capital.

A família Lundgren, em especial seu patrono Frederico Lundgren, não concordava com os sindicatos, organizações. Qualquer movimento operário a favor das melhores condições de vida do trabalhador operário era combatido. Operários eram punidos por estarem envolvidos a estas organizações, ou seja, havia medidas repressoras como o decreto de demissões. (SILVA A., 2016).

Afirma Vale (2008 *apud* SILVA, A. 2016 p. 32)

O sindicato, de acordo com a documentação pesquisada, atuava até cerca de 1933, tendo sofrido coação de mandatário da tecelagem, o que é observado nos primeiros meses de funcionamento, quando a fábrica ordena dispensa ou transferência dos operários sindicalistas. É o caso do vice-presidente, o contramestre Manoel Rocha, demitido em abril de 1932, como se depreende do teor de telegrama enviado ao gabinete do Ministro Viação e Trabalho: Pedimos interceder Ministro da Viação e Trabalho agir Lei garantir operários sindicalizados que sofrem rebaixo e demissões injustas sem apoio a justiça.

A família Lundgren também praticava outro tipo de injustiça, com muitos operários que se aposentaram. Muitos dos operários ao se aposentarem, negociaram a indenização em troca da moradia, no entanto, em muitos casos a família Lundgren avaliava a residência com valor acima da indenização, provocando de fato uma verdadeira injustiça

com os trabalhadores, desta forma, impedia que o trabalhador tivessem a posse do imóvel. (SILVA A., 2016).

Compreende-se que boa parte dos moradores do município de Rio Tinto e ex-funcionários pagavam aluguéis, por não possuírem casa. Ao longo desses anos, muitas famílias deixaram de pagar os aluguéis da Companhia de Tecidos Rio Tinto, pedindo libertação, surgindo recentemente o movimento “Liberta Rio tinto”. Reivindicações, movimentos, organizações começam aparecer constantemente com objetivo da regularização das casas, a partir da compra das casas ou pagamento de indenização aos Lundgren pelo Estado, garantindo a permanência das famílias. Processo que tem ocorrido, mas ainda não na integralidade das casas.

Figura 5 – Reunião Movimento Liberta Rio Tinto



Fonte: Facebook

Figura 6 - Movimento do Liberta Rio Tinto



Fonte: Facebook

Segundo Silva A. (2016, p. 35)

Este cenário de disputas e interesses em que se constituem a formação territorial econômica e política da cidade de Rio Tinto fazem dela uma cidade com características peculiares, pois segundo os dados fornecidos pela Secretaria da CTRT, estima-se que aproximadamente 70% das terras da cidade ainda pertençam à companhia, e a porcentagem só é mais extraordinariamente significativa, pois CTRT teve partes vendidas e outras desapropriadas pelo governo. Nos dias atuais existe uma questão judicial em andamento por parte da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que pleiteia algumas propriedades.

De acordo com Oliveira (2016), compreende-se que a população criou um elo de dependência com a Companhia de Tecidos Rio Tinto – CTRT, e que alimentam a esperança de um dia a companhia voltar a gerar “emprego e renda”, tendo em vista que é uma cidade com poucas possibilidades empregatícias. Atualmente em Rio Tinto a economia é voltada basicamente o comércio local, aposentados e dos empregos públicos (prefeitura e estado). É importante ressaltar outras atividades que sustentam muitas famílias na Região de Rio Tinto, por exemplo as Usinas a partir da Cana-de-açúcar, agricultura familiar e da pesca. Hoje, Rio Tinto, tem apenas o Banco do Brasil, dois caixas eletrônicos do Bradesco e as lotéricas que atendem a Caixa Econômica Federal.

Oliveira (2016), ainda destaca que boa parte da população jovem, cada vez mais deixa sua terra e parte em busca de melhores condições de vida, uma vez que na Região de Rio Tinto sofre com ausência de investimento na saúde, educação e no lazer.

2. A ESCOLA HOJE

O Município de Rio Tinto possui 35 Unidades Escolares, sendo 24 municipais, 6 estaduais e 5 instituições privadas. De acordo com o INEP 2021, o número de matrículas da educação básica no Ensino Infantil (creche, pré-escola) foi de 970 alunos, no Fundamental Anos Iniciais 1.673 e no Fundamental Anos Finais 1.218. No Ensino Médio, constavam 665 matriculados e no Ensino da EJA (Educação de Jovens e Adultos), 904. De acordo com a Fundação Lemann 2021, nas instituições privadas apresenta um total de 569 matrículas sendo Ensino Infantil (creche, pré-escola) 200 alunos, Anos Iniciais 233, Anos Finais 91, Ensino Médio 38 e Educação Especial 7.

Quadro – 01: Unidades escolares de município de Rio Tinto

Escolas	Quantidade	Níveis de ensino (estimativa)	Local
Municipais	24	Ed. Infantil (1) Fundamental I e II EJA	Rurais (17) Cidade-sede (2) Distritos (5)
Estaduais	6	9º ano (1) Ensino Médio Todas as modalidades (4 escolas indígenas)	cidade-sede (2) rurais/aldeia indígena (4)
Privadas	5	Ensino infantil e anos iniciais do E.F. Todas as modalidades (1)	Cidade-sede (4) Rural/Aldeia indígena (1)

Fonte: SEE, Prefeitura de Rio Tinto, 2023. Organização: próprio autor.

A instituição escolar escolhida para realizar a pesquisa, foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Frederico Lundgren. Sobre os aspectos e características da referida escola, temos as seguintes informações: é uma escola cuja entidade mantenedora é estadual, que funciona nos três turnos, matutino, vespertino e noturno. Atendimento de ensino fundamental II e Médio, inclusive no turno da noite utilizado para o Ensino de Educação de Jovens e Adultos – EJA. A referida escola possui o Programa de Residência Pedagógica nos cursos de Matemática e Sistema da Informação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus IV. A instituição está localizada na Rua da Aurora, Zona Urbana da cidade de Rio Tinto – PB, CEP:58297-000.

Segundo informações da direção da escola, ela abriga atualmente 430 alunos matriculados. Seu corpo de funcionários compreende uma diretora-geral, um vice-diretor, docentes efetivos e prestadores de serviços, dois secretários, quatro zeladores, três serventes e dois inspetores de alunos. O quadro é de 22 professores, alguns professores apresentam titulação de Mestrado e Doutorado.

Conforme o croqui abaixo, a escola apresenta um pavimento central, a diretoria, a secretaria escolar, e também comporta a sala dos professores e a coordenação pedagógica. Possui seis salas de aulas, uma biblioteca (destinada hoje a sala de professores) e uma grande área livre para recreação dos estudantes. Não possui quadra, laboratório nem sala de professores. Além disso, a escola também possui cozinha, refeitório (pavimento central), sanitários. Dentre os recursos didáticos disponíveis estão: máquina de Xerox, Software, Kits Didáticos, Tvs, computador, “internet”, Projetor de Slides, Jogos Educativos e Aparelho de DVD.

Figura 7 - Croqui da escola Frederico Lundgren



Elaboração: próprio autor, 2019.

A referente escola vem aplicando o novo ensino médio, e a partir da observação e discussões com professores, a direção e a equipe pedagógica, compreendemos que a reforma do Ensino Médio é o principal alvo de discussão e questionamentos no âmbito educacional, isto é, no universo escolar, visto que apresenta mudanças consideráveis no currículo das escolas públicas e privadas do território brasileiro.

As principais modificações curriculares do Novo Ensino Médio (NEM) são os itinerários formativos que têm sido alvo de denúncia por grupos e entidades em defesa da educação pública no Brasil, a exemplo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) que assim afirma (ALBUQUERQUE et al. 2021, p.102):

Por conseguinte, a imposição dos itinerários formativos, propalados sob os argumentos de liberdade e flexibilidade, antecipa a hiperespecialização do sujeito, impedindo que um processo formativo mais amplo e diverso seja oferecido por mais tempo, o que traz consequências nefastas, por um lado, à formação das novas gerações e, por outro lado, à própria formação inicial e continuada dos trabalhadores da educação muitos dos quais perdem espaços sociais de atuação, tendo em vista a eliminação de diversas áreas do conhecimento, em especial aquelas que passam a ser incluídas apenas na perspectiva dos “estudos e práticas”, como a educação física, a artes, a sociologia e a filosofia.

A proposta tende a transformar o ambiente e o funcionamento escolar cada vez mais parecido como uma empresa. Desta forma, é visto a falta de consideração, respeito e reconhecimento em relação às particularidades de cada área de ensino, na qual vem corroborando para a desprofissionalização docente, permitindo que profissionais não licenciados atuem nas escolas. Isso tem um rebatimento nos cursos de formação de professores:

Ainda no campo da formação inicial e do mercado de trabalho em educação, o prolongamento por tempo indeterminado da entrada na rede dos profissionais formados em magistério de nível técnico fortalece uma contradição histórica, amplamente questionada pelos movimentos alinhados com a educação progressista de qualidade. O retorno da figura do professor leigo, renomeado como o de reconhecido notório saber e do professor de formação não-adequada, recriam os cursos de complementação pedagógica para o ingresso na carreira do magistério. (ALBUQUERQUE et al. 2021, p. 103)

É neste contexto de reformas curriculares neoliberais, criação de escolas técnicas integrais, mudança na morfologia do trabalho, deterioração da estrutura física das escolas públicas, que retomamos a questão central deste trabalho: o que se transformou na imagem e na identidade escolar da Escola Frederico Lundgren?

3. A IDENTIDADE ESCOLAR

Partimos da premissa que a identidade escolar deriva de uma discussão a partir da identidade dos sujeitos concretos (estudantes e professores), nos territórios em que se situam as escolas.

Em concordância com Arroyo (2017), se faz necessário entender quem são esses educandos que fazem parte da nossa vivência em sala de aula, ou seja, quem são esses alunos, essas crianças, os adolescentes que chegam às escolas públicas, sejam eles vindos do trabalho, da sobrevivência, da pobreza, entre outros.

Aprofundar-nos nestas interrogações sobre quem são os educandos, de onde vêm, para onde voltam, de que percursos humanos-desumanos, sociais, raciais, de gênero e de trabalho... Será o caminho mais pedagógico para aprofundar-nos sobre quem somos. Para reinventar identidade educadoras, capazes de

entender com que educandos convivemos, que educandos formamos para reinventar que os currículos capacitarão os mestres para entenderem-se entendendo os educandos - crianças, adolescentes, jovens e adultos.(ARRAYO, 2017, p.12)

A educação geográfica tem uma função a desempenhar no reconhecimento dessa identidade escolar, mas só à medida que considera os estudantes como sujeitos ativos, produtores de espaço. De acordo com Resende (1989, p.19-20):

Uma Geografia [padronizada, abstracionista, de memorização] assim concebida leva-nos fatalmente a considerar o aluno, em especial aquele oriundo das classes populares, como um ser neutro, sem vida, sem cultura, sem história - um ser que não trabalha, não produz riqueza neste momento histórico e neste espaço geográfico determinado. O aluno não participa do espaço geográfico que ele estuda. Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele.

Os postulados de Resende convergem com a concepção de educação presente no Manifesto (ALBUQUERQUE et al. 2021, p. 120):

Parte-se da educação como sendo aquela que tem como princípio a essencialidade da vida humana e, a partir desta, a concretização do ensino da Geografia, tendo o espaço como forma de produção e reprodução da vida, como resistência. Ou seja, de uma geografia e uma educação que tem na base, o homem e seu trabalho, como base para construção do futuro.

Neste tópico, começamos por explicitar uma entrevista que perpassa o ensino de geografia, saberes docentes e a dimensão do conflito na formação do território de Rio Tinto. Esta entrevista foi fundamentada a partir de três eixos:

1. Condições de trabalho - (idade, formação/titulação, tipo de vínculo, carga horária hoje na escola, disciplinas que está ministrando no contexto do novo ensino médio);
2. Identidade escolar - (se é consciente essa identidade histórica da Escola Frederico Lundgren como escola de formação da força de trabalho, portanto, um recorte da luta de classe); Qual foi e tem sido a função da escola nesse território?
3. Ensino dos conteúdos industrialização/urbanização - (quais os materiais didáticos). Compreender como é abordado esse tema no ensino médio e se há (e quais) relações se faz com a história de formação do território de Rio Tinto.

Foram entrevistados dois professores de Geografia, ambos professores da Escola Frederico Lundgren.

A professora A se identificou como do sexo feminino, com 36 anos de idade. Possui licenciatura e bacharel em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB e especialização em gerenciamento pedagógico. Atualmente vem cursando mestrado profissional em geografia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, possui vínculo efetivo como docente, na Escola Frederico Lundgren, vinculada ao Governo do Estado da Paraíba, com uma carga horária de 24 horas aulas, ministra as disciplinas de geografia, projeto de vida, eletiva e filosofia. A referida professora faz cinco anos de trabalho.

O professor B se identificou como do sexo masculino, 66 anos de idade. Possui Licenciatura em Geografia e História pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Não possui mestrado e nem doutorado, participou do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Atualmente possui vínculo efetivo como docente, com uma carga horária de 20 horas semanais, ministra as disciplinas de História e Geografia. O professor possui 40 anos de docência, foi removido compulsoriamente da Escola Cidadã Integral Professor Luiz Gonzaga Burity, atualmente (ECIT Burity), em 2019.

Através da entrevista, foi possível identificar que ambos professores não estão de acordo com o novo ensino médio, pois é um modelo de ensino excludente, que não respeita a realidade dos alunos e desconsidera a formação do aluno pensante e crítico. Observamos também, um modelo de ensino, no qual, corroborou para ausência de disciplinas fundamentais, na vida dos estudantes, desconsiderando as particularidades de algumas áreas de ensino.

A partir da fala da professora A enxerga “o novo ensino médio como uma forma de controlar e manipular para formar sujeitos passivos, obedientes e não críticos de sua realidade.”

Em relação à identidade escolar, ambos professores apontaram a identidade histórica da escola como formação de força de trabalho para a fábrica, tendo em vista que foi a primeira escola de alfabetização no povoado de Rio Tinto, construído pela família Lundgren. Neste sentido, a professora A afirmou que "é clara a intenção da fábrica de tecidos Rio Tinto em formar essa geração de trabalhadores nos primeiros graus de escolaridade.”

O professor B afirma que “ao longo do tempo, percebe-se mudanças e transformações no povoado de Rio Tinto entre a década de 30 e 56”. A escola era mantida pela fábrica, a partir da emancipação do município de Rio Tinto em 56, “a escola estadualiza”, isto é, passando esta escola a denominar Grupo Frederico Lundgren.

Segundo a professora A, “a escola inicialmente oferecia o processo de alfabetização, depois ficou responsável pela educação infantil de 1ª fase, posteriormente ensino fundamental 2ª fase e hoje oferece o ensino médio”.

De acordo com a professora A, “o papel da escola atualmente é formar os estudantes para que concluam o ensino médio e em seguida acessar o mercado de trabalho/ingresso no ensino superior e buscando formar cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.”

Durante a entrevista, os professores foram questionados, como definem o perfil socioeconômico, origem geográfica e como é feito o deslocamento dos alunos? Ambos professores definiram a maioria dos alunos oriundos da zona rural, filhos de trabalhadores assalariados, aposentados, comerciantes locais e agricultores, sendo em maioria de classe popular. O deslocamento é feito de Ônibus, todo percurso organizado e mantido pela Prefeitura Municipal de Rio Tinto, em parceria com o Governo do Estado da Paraíba, ou seja, trabalhando em parceria.

Na fala da professora A, “muitos pais dos estudantes não concluíram o ensino médio”, diante disso, resta aos filhos superar o problema social em continuar e frequentar a escola. Afirma também “a merenda é um atrativo para os estudantes”, desta forma, revela a necessidade do alimento para um grupo de estudantes que não tem recursos para se alimentar.

Apesar da instalação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus IV - Mamanguape/Rio Tinto, o que expande as possibilidades acesso ao ensino superior, os dados informados pela direção da escola atestam uma quantidade pouco significativa de estudantes egressos da Escola Frederico Lundgren que entram na Universidade. Em 2022, dos 138 alunos que concluíram o ensino médio nesta escola, apenas 17 foram aprovados no Sistema de Seleção Unificada - SISU.

No terceiro eixo, industrialização/urbanização, os professores relataram que não se limitam ao livro didático. Utilizam outros recursos didáticos como a música (Sampa de Caetano Veloso, Parque industrial de Tom Zé, A fábrica de Legião urbana, Construção de Chico Buarque e o Hino da Cidade de Rio Tinto - PB), uso de imagens, didática ativa e aula de campo.

A professora A tem utilizado imagens, com intuito de mostrar as transformações realizadas na paisagem de Rio Tinto. O professor B tem utilizado a música - Hino de Rio Tinto - PB, com o objetivo de relatar o surgimento dessa região. Em relação à aula de campo ambos professores têm trabalhado de forma interdisciplinar, juntos com outros professores (história, português, arte) e outras turmas (1º e 3º ano), visitando os resquícios construídos pela família Lundgren (visitação das instalações urbanas, industriais e hidráulicas).

A partir das conversas com os professores, chegamos a algumas conclusões e pontos de reflexão (perguntas):

- A Escola Frederico Lundgren tornou-se destino de professores não “adaptados” ao programa escola cidadã, à medida que a ECIT implementada em Rio Tinto abrigou novos professores contratados. Isso sugere uma transformação na imagem da escola, não mais atribuída ao “moderno” como no contexto de sua fundação?
- Com um público majoritariamente oriundo da zona rural, apesar de situada no centro da cidade, a escola não se reconhece como uma “escola do campo” - o que a levaria a reformulações pedagógicas, curriculares etc. Há, desta forma, o não reconhecimento de um elemento central na identidade escolar?
- O hino de Rio Tinto foi mencionado como recurso mobilizado nas aulas sobre o processo de urbanização/industrialização. Tal hino propaga o mito de origem da cidade a partir do Engenho e não menciona os territórios e territorialidades indígenas. Valeria uma investigação de como o hino é abordado na prática pedagógica;
- A Escola Frederico Lundgren se apresenta como a única opção para estudantes (trabalhadores) da zona rural próxima que não têm condições de ingressar no ensino médio em regime integral, ou se deslocar grandes distâncias para as escolas localizadas nas aldeias indígenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, o objetivo deste trabalho era compreender as transformações na identidade escolar desta instituição ao passo das transformações no mundo do trabalho e nos sistemas de ensino. Formos movidos pelas seguintes questões: o que as

transformações da Escola dizem das transformações da sociedade? Quais as funções desempenhadas pela escola, no contexto de sua fundação e atualmente? A escola segue formando força de trabalho para cargo de pouca qualificação ou foi apropriada em prol de um projeto de educação popular? A escola sustentou, ao longo de todos esses anos, o símbolo da “modernidade” de sua fundação? Como pensar, nos dias de hoje, sua identidade escolar?

Observamos que, por meio deste trabalho, houve problemas de acesso aos dados, à bibliografia sobre a escola. Concluímos que houve certo apagamento da memória da Escola Frederico Lundgren. Porém, a partir do levantamento do contexto histórico de formação de Rio Tinto, podemos afirmar que a função da escola sofreu mudanças ao longo do tempo e responder que a escola não tem mais esse caráter de formação de força de trabalho para a fábrica (até porque a fábrica está desativada) e desfez-se enquanto um símbolo do moderno. A partir das entrevistas observamos ainda, uma lacuna nas narrativas propagadas na escola, da conexão escola, cidade e a fábrica.

Este trabalho foi de grande valia para nós. Almejamos ter contribuído na incitação a comunidade escolar a pensar a própria identidade institucional. Se faz necessário entender e refletir o papel da escola, para que possa ajudar nas dificuldades dos indivíduos inseridos no ambiente escolar. Importante ressaltar a necessidade de pesquisas futuras sobre o tema, para obter resultados ainda mais precisos. Entretanto, a partir das entrevistas observamos uma escola que não foi incorporada no programa Escola Cidadã, segue como única escola urbana regular, ou seja, no centro da cidade que oferece Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. et. al. **Manifesto: crítica às reformas neoliberais na educação - prólogo do ensino de Geografia**. Marília: Lutas Anticapital, 2021.

ANDRADE, J. M. V. **Dos núcleos fabris ao poder local: Um coronelismo industrial no interior da Paraíba (1917-1949)**. 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/xmlui/handle/123456789/20320> Acesso em: 13 nov. 2022.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa / Miguel G. Arroyo**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Resumo técnico do Estado da Paraíba: Censo Escolar da Educação Básica 2021**. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resumo-tecnico-do-censo-da-educacao-basica-2021> Acesso em: 15 abr. 2023.

DANTAS, A. A. R. S. **Rio Tinto, impacto do declínio econômico da organização espacial**. 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5578?locale=pt_BR Acesso em: 01 maio 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FRIGOTTO, Gaudencio. **Fazendo pelas mãos a cabeça do trabalhador: O trabalho como elemento pedagógico na formação profissional**. Cad. Pesp.,(47): 38-45, nov.1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias: 2017/IBGE**, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. Ciência e conhecimento científico. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LIMA, Carlos Alberto de. **A evolução da educação em Rio Tinto no período de 1930 a 1950**. – 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/5661> Acesso em: 13 nov. 2022.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, A. F.. **A educação escolar e o resgate da identidade cultural das classes populares**. Ciência e Educação (UNESP), Bauru, v. 6, n.1, p. 65-73, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/Q3X96vd7h5j9CDsJ99BZVrC/> Acesso em: 08 maio 2023.

MORAIS, J. J. S. **Educação entre tornos, notas e salários: Escola de aprendizagem coronel Frederico Lundgren Rio Tinto/PB (1944-1967)**. 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4669?locale=pt_BR Acesso em: 13 nov. 2022.

MOREIRA, Emília de Rodat F. **Processo de ocupação do espaço agrário paraibano**. in: UFPB/NDIHR N° 24 set/1990. Disponível em: http://www.ndihr.ufpb.br/programa/processo_de_ocupacao.html Acesso em: 02 de maio 2023.

MOTTA, VÂNIA CARDOSO DA; FRIGOTTO, GAUDÊNCIO. **Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida provisória n° 746/2016 (lei n° 13.415/2017)**. Educação & Sociedade (Impresso), v. 38, p. 355-372, 2017.

NASCIMENTO JR, F. C.. **A Formação Espacial Brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da Geografia do Brasil**. Recife: Revista de Geografia, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/download/229256/23624> Acesso em: 13 mar. 2023.

OLIVEIRA, J. H. R. **Rio Tinto: tecendo outras histórias**. 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11417/1/PDF%20-%20Juliana%20Helena%20Ribeiro%20de%20Oliveira.pdf> Acesso em: 15 nov. 2022.

RESENDE, M. S. **A Geografia do Aluno Trabalhador caminhos para uma prática de ensino**. Editora Loyola, São Paulo, Brasil, 1989.

ROSA, C. L.. Currículo escolar e patrimônio industrial: contribuições para a salvaguarda de Rio Tinto, Paraíba. In: **VI Colóquio Latinoamericano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial**, 2012, São Paulo. VI Colóquio Latinoamericano sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t2_curriculo_escolar.pdf Acesso em: 13 nov. 2022.

SANTOS, L. C.. **Pesquisa etnográfica e historiográfica: o caso das mulheres operárias da Companhia de Tecidos Rio Tinto**. 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/738/749> Acesso em: 20 de mar. 2023.

SILVA, A. M. M. **Relações de poder e territorialidade: O caso da cidade de Rio Tinto/PB**. 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/11438/1/PDF%20-%20Alice%20Maria%20Marques%20da%20Silva.pdf> Acesso em: 13 nov. 2022.

SILVA, S. F. **Geografia Escolar nas aldeias indígenas potiguara de Jaraguá e Monte mór de Rio Tinto - PB**. 2020. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/handle/10482/39333#:~:text=Tese%20\(Doutorado%20em%20Geografia\)%E2%80%94,no%20litoral%20setentrional%20da%20Para%C3%ADba](https://repositorio.unb.br/handle/10482/39333#:~:text=Tese%20(Doutorado%20em%20Geografia)%E2%80%94,no%20litoral%20setentrional%20da%20Para%C3%ADba). Acesso em: 15 mar. 2023.

<https://www.riotinto.pb.gov.br/unidadeeducacao.php> Acesso em: 15 abr. 2023

<https://qedu.org.br/municipio/2512903-rio-tinto/censo-escolar> Acesso em: 14 abr. 2023